

### **DESACELERAÇÃO GRADUAL DA ATIVIDADE ECONÔMICA EM 2025**

*Agropecuária avança, enquanto Serviços desaceleram e a Indústria segue freada pela política monetária.*

Após um desempenho acima do esperado em 2024, a atividade econômica do Brasil e do Rio Grande do Sul passou a registrar, em 2025, uma desaceleração gradual do ritmo de crescimento. No cenário nacional, a Agropecuária manteve forte expansão sustentada por uma safra de grãos recorde, enquanto o setor de Serviços, que vinha operando com relativa estabilidade ancorado no consumo das famílias, começou a perder dinamismo ao longo do segundo semestre, acompanhando o arrefecimento da demanda. A Indústria também mostrou desaceleração, refletindo de forma mais intensa os efeitos defasados da política monetária restritiva, ainda que as indústrias extrativas tenham fornecido algum suporte ao agregado.

No Rio Grande do Sul, o quadro de moderação foi agravado por choques climáticos e externos. A confirmação do fenômeno La Niña reduziu a produção de grãos no estado e pressionou toda a cadeia do agronegócio, reforçando um padrão já observado nos últimos anos, marcados por três estiagens e duas enchentes entre 2020 e 2024. Em 2025, a nova seca comprometeu a Agropecuária e se traduziu em forte contração do setor. Ao mesmo tempo, o ambiente externo adverso, caracterizado pela ocorrência de gripe aviária que afetou as exportações da carne de frango e pela elevação das tarifas de importação nos Estados Unidos, atingiu segmentos industriais relevantes. A combinação desses fatores deteriora o desempenho econômico estadual e amplia o distanciamento em relação à evolução do PIB nacional.

#### **Brasil: consolidação do ciclo**

A economia brasileira em 2025 segue uma trajetória de expansão moderada, marcada por desaceleração gradual do crescimento em função dos efeitos defasados da política monetária restritiva. As expectativas do Boletim Focus para o PIB, que iniciaram o ano em 2,0% e chegaram a 2,3% após o resultado robusto do primeiro trimestre impulsionado pela Agropecuária, voltaram a recuar ao longo do ano e convergiram para 2,2%. Esse movimento de desaceleração gradual foi suavizado por fatores de sustentação da demanda, como o impulso fiscal associado ao pagamento de precatórios, a ampliação do crédito consignado ao trabalhador privado e o bom desempenho de atividades menos sensíveis ao ciclo econômico, especialmente Petróleo, gás e mineração, além das perspectivas favoráveis para a Agropecuária.

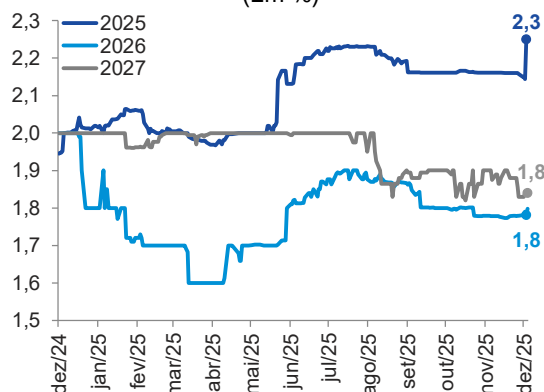
A dinâmica setorial ao longo do ano evidencia esse quadro de moderação. A Agropecuária segue como principal vetor positivo, enquanto a Indústria continuou mais exposta os efeitos do aperto monetário, apesar do suporte das Indústrias Extrativas. Os serviços, que vinham sustentados pela massa de renda e pelo consumo das famílias, passaram a mostrar sinais mais claros de desaceleração no segundo semestre.

**Gráfico 2.1. PIB do Brasil**  
(Variação % anual)



Fonte: IBGE. Elaboração UEE/FIERGS. \*Projeção UEE.

**Gráfico 2.2. Expectativa de mercado para o PIB do Brasil**  
(Em %)



Fonte: Focus/BCB. Elaboração: UEE/FIERGS.

No acumulado dos quatro trimestres encerrados no terceiro trimestre de 2025, o PIB da **Agropecuária** avançou 9,6% em relação ao mesmo período de 2024. O desempenho foi sustentado pela forte expansão da produção de grãos, cuja estimativa da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) indica uma safra recorde de 352 milhões de toneladas, ante os 301 milhões colhidos no ano anterior, um crescimento de 16,8% em relação a 2024 e de 8% frente a safra recorde de 2023. O resultado reflete tanto a ampliação da área colhida quanto o ganho de produtividade, favorecido pelas condições climáticas, nas principais culturas como soja, milho, algodão, laranja e café, além da contribuição positiva da pecuária.

Na **Indústria**, o crescimento foi de 1,8% no período citado. A principal contribuição veio da Indústria Extrativa, que avançou 4,5% impulsionada pelo aumento da extração de petróleo e gás. A Construção cresceu 2,5%, apoiada na ampliação das operações de crédito destinadas à infraestrutura e no incremento da ocupação e da massa salarial real. Já a Indústria de Transformação, após expandir 3,9% em 2024, registra avanço mais moderado de 1,6%, refletindo os efeitos defasados da política monetária restritiva. O setor de Eletricidade e Saneamento apresentou queda de 2,2%, influenciado pelo menor uso de hidrelétricas, que elevou os custos de geração, e pela redução do consumo de energia ao longo do ano. O setor de **Serviços** cresceu 2,2% no acumulado em quatro trimestres até o terceiro trimestre de 2025, com destaque para Informação e Comunicação (+6,2%), Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (+2,7%) e Transporte, armazenagem e correio (+2,7%).

Esse desempenho heterogêneo e marcado pela alternância entre estabilidade e desaceleração também se refletiu na evolução da atividade econômica ao longo do ano, conforme as pesquisas mensais do IBGE. No acumulado de janeiro a setembro de 2025, a Produção Industrial avançou apenas 1,0%, com 11 dos 24 segmentos da Indústria de Transformação registrando retração. Os maiores impactos negativos vieram de Derivados do petróleo e biocombustíveis (-4,2%), Bebidas (-2,6%), Madeira (-4,6%), Informática e produtos eletrônicos (-2,5%) e Impressão e gravações (-4,9%). No Comércio Varejista, o volume de vendas cresceu 1,5% no período, refletindo um processo de avanço moderado observado desde abril. Os principais destaques positivos foram Móveis e eletrodomésticos (+4,1%), Tecidos, vestuário e calçados (+3,3%) e Artigos farmacêuticos (+3,6%). Nos Serviços, o crescimento acumulado até setembro foi de 2,8%, o maior resultado entre as três grandes atividades e o mais estável ao longo do ano. O desempenho foi sustentado pelos Serviços prestados às famílias (+9,3%), Serviços de informação

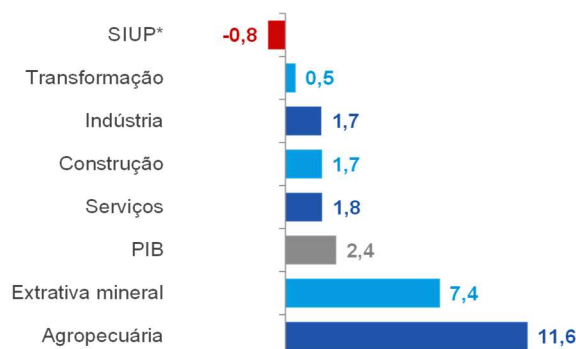
e comunicação (+8,0%), Serviços profissionais e administrativos (+8,6%) e Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (+7,5%).

**Tabela 2.1. PIB e subsetores – Brasil**  
(Variação % real)

	2022	2023	2024	Acum. em 4 trimestres até 3ºT/25
<b>PIB</b>	3,0	3,2	3,4	2,7
<b>Agropecuária</b>	-1,1	16,3	-3,7	9,6
<b>Indústria</b>	1,5	1,7	3,1	1,8
Extrativa mineral	-1,4	9,2	0,5	4,5
Transformação	-0,5	-1,3	3,9	1,6
Energia e saneamento (SIUP)	10,5	5,8	1,0	-2,2
Construção	6,8	-0,3	4,4	2,5
<b>Serviços</b>	4,3	2,8	3,8	2,2

Fonte: IBGE. Elaboração UEE/FIERGS.

**Gráfico 2.3. PIB e subsetores – Brasil**  
(Variação % acumulada no ano | 1º a 3º trimestre de 2025/24)



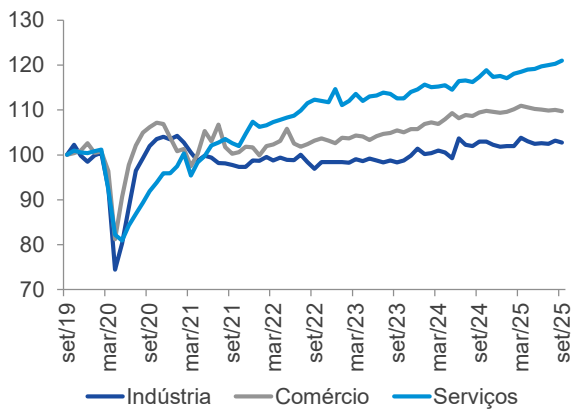
Fonte: IBGE. Elaboração: UEE/FIERGS. \*SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública.

A **atividade agropecuária**, que em 2024 foi impactada pelo efeito-base da safra excepcional de 2023 e pelo desempenho aquém do esperado de milho e da soja, apresenta forte recuperação em 2025. A Conab projeta safra recorde, 16,8% superior à de 2024 e 8% acima da de 2023. Para 2026, o crescimento deve persistir, porém em ritmo menos intenso, com alta de 0,8% na produção de grãos, resultado da expansão de 3,3% da área plantada e da queda de 2,4% na produtividade de grãos, cereais e oleaginosas. A produção de soja deve crescer 3,6%, sustentada pela ampliação da área e produtividade estável, enquanto algumas culturas tendem a recuar: algodão (-1,2% no caroço e -1,1% na pluma), feijão (-1,0%) e arroz (-10,1%), todas afetadas simultaneamente por redução de área e produtividade. No milho, projeta-se queda de 1,8%, marcada pela baixa produtividade apesar da maior área. Na pecuária bovina, o início de um novo ciclo reduz a oferta de animais para abate, levando à queda estimada de 3,5% na produção de carne. Em contraste, a avicultura tende a se recuperar com o fim dos embargos relacionados à influenza aviária, enquanto a suinocultura deve avançar 3,6%, impulsionada pelo consumo interno e pelo efeito substituição decorrente do encarecimento da carne bovina. Nesse contexto, as expectativas para a Agropecuária permaneceram no campo positivo ao longo de 2025 e mais moderadas para 2026.

A desaceleração moderada da atividade econômica ao longo de 2025 tem sido condicionada tanto pelo enfraquecimento dos setores mais cíclicos, sensíveis ao elevado patamar dos juros, quanto pelo bom desempenho de atividades menos cíclicas, como Petróleo, gás e minério de ferro, além da surpresa positiva da Agropecuária. Fatores que sustentam a demanda agregada, como a renda ainda elevada e o impulso fiscal, também contribuíram para manter a estabilidade dos Serviços e evitar uma desaceleração mais intensa. Pela ótica da demanda, o Consumo das Famílias manteve crescimento no primeiro semestre, com altas de 0,6% em cada trimestre na série dessazonalizada e acumulando avanço de 2,0% no ano frente a 2024, sustentado pela massa salarial e pelo impulso fiscal, mesmo em ambiente de juros restritivos.

Entretanto, no terceiro trimestre de 2025 já se observa perda de fôlego, com elevação de apenas 1,4% no acumulado do ano.

**Gráfico 2.4 Evolução da atividade**  
(Índice de base fixa set/19 = 100 | Com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE. Elaboração UEE/FIERGS.

**Gráfico 2.5. Produção da Safra de Grãos**  
(Em milhões de toneladas)

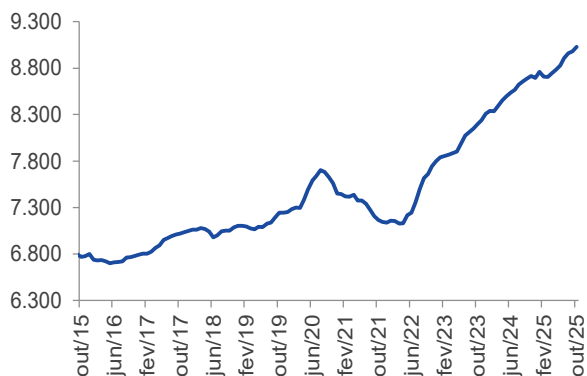


Fonte: CONAB. Elaboração: UEE/FIERGS. \*Estimativa da Conab de nov/25.

O Consumo do Governo também contribuiu positivamente, passando de 1,4% no primeiro semestre para 1,6% no acumulado até o terceiro trimestre. A estabilidade do setor de serviços no período está diretamente associada a essa sustentação da renda. Contudo, é fundamental, na análise da renda e do consumo das famílias, considerar o nível de endividamento em relação à Renda Nacional Disponível Bruta das Famílias (RNDBF), o qual permanece como fator de risco relevante. Após avançar de 41,5% da renda em dezembro de 2019 para o pico de 49,9% em julho de 2022, o indicador, que voltou a crescer em 2024, segue em alta em 2025, enquanto a expansão da renda acumulada em 12 meses perde força. Essa combinação indica vulnerabilidade porque, caso o endividamento continue crescendo mais rápido do que a renda, o consumo tende a desacelerar ainda mais nos trimestres seguintes.

**Gráfico 2.6. Renda nacional bruta disponível das famílias (RNDBF)**

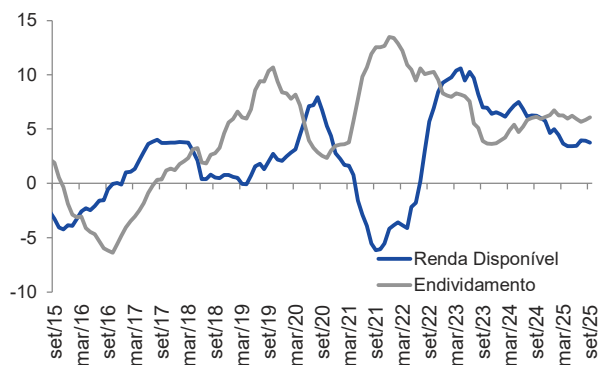
(Em bilhões de R\$ | acum. 12 meses | deflacionado)



Fonte: Banco central. Elaboração UEE/FIERGS. Nota: Renda Nacional Disponível Bruta das Famílias corrigida a valores de out/2025 pelo IPCA.

**Gráfico 2.7. Variação da renda disponível e endividamento das famílias**

(Variação % real do acumulado em 12 meses em relação ao mesmo período anterior)



Fonte: Banco central. Elaboração UEE/FIERGS. Nota: Renda Nacional Disponível Bruta das Famílias e Endividamento corrigidos a valores de out/2025 pelo IPCA.

## **Perspectivas para o Brasil em 2026**

Para o cenário econômico de 2026 estima-se manutenção desse quadro de crescimento moderado, com previsão de expansão de 1,9% no PIB, levemente abaixo dos 2,1% projetados para 2025. Este desempenho reflete uma combinação de fatores, incluindo a base alta de comparação da Agropecuária, a continuidade do consumo das famílias como pilar de sustentação da estabilidade dos Serviços, embasado pelo impulso fiscal, e o baixo dinamismo da Indústria.

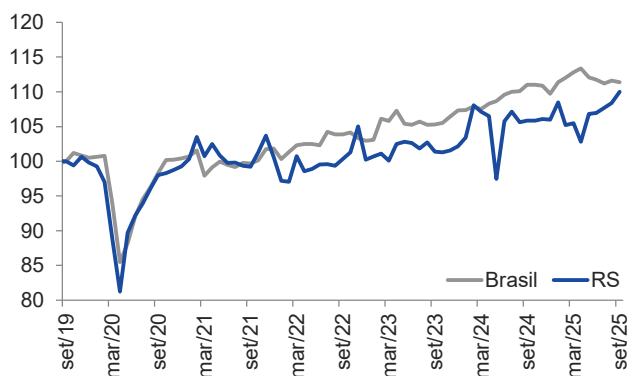
O setor de Serviços deverá manter sua relevância no crescimento econômico, ainda que com uma desaceleração no ritmo de expansão. O setor de serviços demonstra resiliência, impulsionado por um mercado de trabalho aquecido. Contudo, o seu ritmo de expansão é limitado por diversos fatores macroeconômicos, como os efeitos defasados de uma política monetária que se mantém contracionista, a desaceleração na concessão de crédito e o aumento do endividamento das famílias. O consumo das famílias continuará desempenhando um papel central, impulsionado pela virada lenta do mercado de trabalho que tenderá a manter por mais tempo o alto nível da massa salarial, além do aumento da renda disponível associada a isenção do imposto de renda e do crédito mais fraco. Na Indústria, o ambiente permanece adverso. A manutenção dos juros em patamar elevado, somada a entraves estruturais como baixa produtividade e forte dependência de insumos importados, continuará restringindo uma recuperação mais consistente. A Agropecuária deve apresentar contribuição mais modesta após o resultado excepcional de 2025. A elevada base e a expectativa de queda de produção e produtividade em culturas como algodão, feijão, arroz e milho podem prejudicar seu desempenho, apesar do avanço da soja. Na pecuária, projeta-se menor produção de carne bovina, com recuperação da avicultura após o fim dos embargos e crescimento da suinocultura apoiado pelas exportações.

Portanto, 2026 será marcado por crescimento moderado e mais equilibrado entre os componentes da oferta e da demanda, em ambiente de política monetária ainda restritiva e menor contribuição Agropecuária. Contudo, o desempenho será condicionado pela capacidade do país de equilibrar os desafios fiscais e implementar políticas que aumentem a produtividade e o potencial de crescimento no médio e longo prazo.

### **Rio Grande do Sul: clima e cenário externo desafiam o crescimento**

O PIB do Rio Grande do Sul apresentou desempenho abaixo do esperado em 2025. A dinâmica econômica do estado é fortemente condicionada ao comportamento da Agropecuária, setor que ancora importantes cadeias industriais e de serviços vinculadas ao agronegócio. Nos últimos anos, a recorrência de eventos climáticos extremos tem afetado de forma significativa tanto as culturas de verão quanto as de inverno, gerando perdas relevantes para toda a cadeia produtiva. Entre 2020 e 2024, o estado enfrentou três estiagens e duas enchentes, fatores que contribuíram para o distanciamento do PIB gaúcho em relação ao nacional. Em 2025, a influência do La Niña provocou mais um período de estiagem no estado, resultando em forte contração da agropecuária e pressionando o desempenho agregado do PIB. Somam-se a esse quadro um ambiente externo desfavorável, marcado pela ocorrência de gripe aviária e pela elevação das tarifas de importação dos Estados Unidos a partir da metade do ano, ampliando os desafios para as exportações da Indústria do estado.

**Gráfico 2.9. Índice de Atividade Econômica**  
(Índice set/2019 = 100 | Com ajuste sazonal)



Fonte: BCB. Elaboração: UEE/FIERGS.

**Tabela 2.2. PIB do RS**  
(Var. % real)

	2022	2023	2024	Acum.1º sem/25
<b>PIB</b>	<b>-2,6</b>	<b>1,9</b>	<b>4,9</b>	<b>-0,5</b>
<b>Agropecuária</b>	<b>-42,9</b>	<b>16,6</b>	<b>35,0</b>	<b>-13,3</b>
<b>Indústria</b>	<b>1,7</b>	<b>-4,6</b>	<b>-0,4</b>	<b>1,7</b>
Extrativa mineral	2,4	-0,8	3,1	3,4
Transformação	-0,7	-6,1	-2,6	4,5
Energia e saneamento (SIUP)	11,0	5,1	11,2	-17,0
Construção	7,1	-2,5	3,5	2,5
<b>Serviços</b>	<b>4,3</b>	<b>3,0</b>	<b>3,5</b>	<b>2,5</b>

DEE/Seplag-RS. Elaboração: UEE/FIERGS.

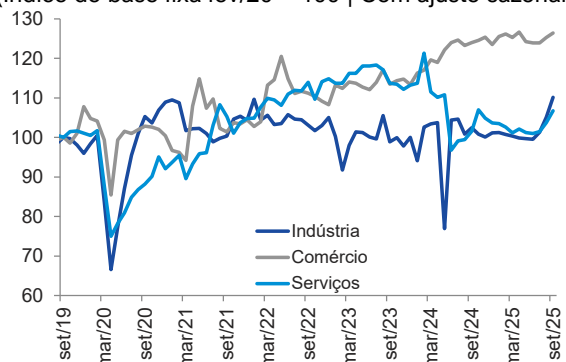
No primeiro semestre de 2025, o PIB do Rio Grande do Sul registrou retração de 0,5% em relação ao mesmo período de 2024, resultado determinado, sobretudo, pelo forte recuo da agropecuária (-13,3%), que mais do que compensou o desempenho positivo dos Serviços (+2,5%) e o crescimento moderado da Indústria (+1,7%). A agropecuária foi o principal vetor negativo: a estiagem associada ao La Niña reduziu em 7,8% a produção de grãos no estado, segundo levantamento da Conab, com queda expressiva de 23,6% na soja. Apesar dos avanços no arroz (+22,0%) e no milho (+12,6%), esses ganhos não foram suficientes para neutralizar o impacto da quebra da safra de verão.

Na Indústria, o crescimento de 1,7% refletiu um quadro heterogêneo. A elevada base de comparação em Energia e Saneamento, impulsionada pelo volume atípico de chuvas em 2024, resultou em queda de 17,0% em 2025, limitando o desempenho agregado. Os demais segmentos, entretanto, registraram expansão: Indústria de Transformação (+4,5%), influenciada pela baixa base de 2024 associada às enchentes, Indústrias Extrativas (+3,4%) e Construção (+2,5%). Os Serviços (+2,5%) apresentaram o melhor desempenho entre os grandes setores. Todas as atividades cresceram, com destaque para Transporte, armazenagem e correio (+4,8%), Comércio (+4,2%) e Intermediação financeira e seguros (+3,4%). Ainda assim, quando comparado ao período pré-pandemia, o crescimento acumulado do estado permanece abaixo da média nacional, refletindo desafios estruturais que têm limitado sua convergência em relação ao país.

Sob a ótica do comportamento da atividade ao longo do ano, os Serviços mostram um quadro ainda desigual. Após os impactos severos das enchentes de 2024, o setor retomou crescimento a partir do segundo trimestre de 2025, mas acumula queda de 4,4% entre janeiro e setembro. Em contraste, o Comércio, que teve desempenho expressivo em 2024, manteve trajetória positiva em 2025, ainda que em ritmo mais moderado, com alta acumulada de 3,1% no período — com destaques para Tecidos, vestuário e calçados (+5,4%) e Outros artigos de uso pessoal (+4,6%). Entre os serviços, os principais vetores de contração foram Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-12,0%), Serviços profissionais, administrativos e complementares (-6,7%) e Outros serviços (-3,7%). Já Serviços de informação e comunicação (+6,3%) e Serviços prestados às famílias (+1,2%) foram destaques positivos.

**Gráfico 2.10. Evolução da atividade por setores – Rio Grande do Sul**

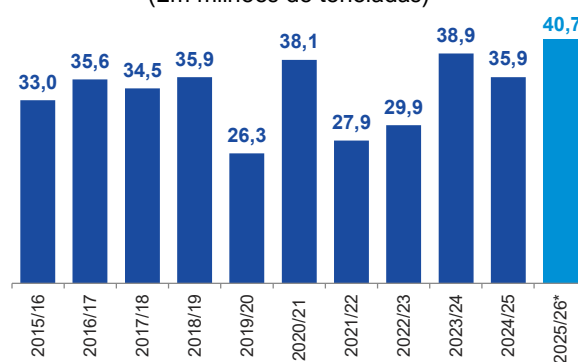
(Índice de base fixa fev/20 = 100 | Com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE. Elaboração UEE/FIERGS.

**Gráfico 2.11. Produção da Safra de Grãos – Rio Grande do Sul**

(Em milhões de toneladas)



Fonte: CONAB. Elaboração: UEE/FIERGS. \*Estimativa nov/25.

## Perspectivas para o Rio Grande do Sul em 2026

O ano de 2026 apresenta perspectivas mais favoráveis para a economia do Rio Grande do Sul, impulsionado principalmente pela recuperação de setores que partirão de uma base excepcionalmente deprimida em 2025. Ao longo de 2025, o estado enfrentou simultaneamente estiagem, restrições sanitárias e barreiras comerciais, um conjunto de choques que atingiu diretamente seus principais complexos produtivos e comprometeu o desempenho econômico.

Na agropecuária, após dois anos de estiagens severas, os efeitos das enchentes de 2024 e nova perda hídrica em 2025, as projeções da Conab indicam uma safra recorde de 40,7 milhões de toneladas em 2026. O avanço previsto de 13,3% na produção total e de quase 35% na soja deve liderar a recuperação do setor e da economia estadual. Ainda assim, persistem riscos climáticos, embora as projeções indiquem baixa probabilidade de um novo La Niña significativo. Entre as culturas que devem apresentar retração, o arroz, no qual o RS é o maior produtor nacional, deve registrar queda de 12,2%, influenciada tanto pela redução de área (-5,0%) quanto pela menor produtividade (-7,6%). A produtividade do milho também deve recuar cerca de 12,5%, limitando o ganho agregado do setor.

Na Indústria, o dinamismo deve permanecer limitado ao longo dos próximos trimestres, refletindo o encarecimento do crédito, a política monetária ainda restritiva e um ambiente externo adverso, agravado pelas barreiras tarifárias impostas ao Brasil, que incidem de forma particularmente intensa sobre a pauta exportadora gaúcha. A postura mais cautelosa do empresariado já aparece nos indicadores de confiança, que recuaram para níveis próximos aos observados em 2020, e na intenção de investir, que segue apenas em linha com sua média histórica. No setor de Serviços, a combinação de uma base deprimida, mercado de trabalho em recuperação lenta e renda ainda elevada favorece especialmente o comércio e os serviços prestados às famílias. A agenda de investimentos públicos em infraestrutura e rodovias prevista para o segundo semestre de 2026 também tende a reforçar o desempenho do setor. Apesar disso, já é possível identificar sinais de moderação, associados à perda de impulso do consumo das famílias diante do elevado endividamento e da permanência de condições financeiras apertadas no cenário nacional.

Considerando esses elementos, o Rio Grande do Sul tem condições de crescer 2,9% em 2026, desempenho superior tanto aos 1,8% estimados para 2025 quanto ao crescimento esperado para o Brasil. Esse avanço será liderado pela recuperação da agropecuária e pela melhora pontual em segmentos industriais específicos. No entanto, a concretização desse cenário dependerá da evolução das condições climáticas, do ambiente financeiro e da capacidade do estado de avançar em reformas e ações que elevem sua resiliência estrutural frente a choques futuros.

**Tabela 2.3. Perspectivas – Brasil**

(Var. % do PIB)

	2024	2025*	2026*
Agropecuária	-3,2	6,3	3,0
Indústria	3,3	1,5	1,1
Serviços	3,7	1,9	2,0
<b>PIB Total**</b>	<b>3,4</b>	<b>2,1</b>	<b>1,9</b>

Fonte: IBGE. \*Previsão UEE/FIERGS. \*\*O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs setoriais são projetados a valor adicionado.

**Tabela 2.4. Perspectivas – Rio Grande do Sul**

(Var. % do PIB)

	2024	2025*	2026*
Agropecuária	35,0	-4,7	17,6
Indústria	-0,4	2,0	0,8
Serviços	3,5	2,3	1,7
<b>PIB Total**</b>	<b>4,9</b>	<b>1,6</b>	<b>2,9</b>

Fonte: IBGE e DEE/SEPLAG. \*Previsão UEE/FIERGS. \*\*O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs setoriais são projetados a valor adicionado.